

Educação em informação: os bibliotecários como educadores

Information education: libraries as educators

Bruna Heller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

brunahellerbh@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6218-1762>

Paula Martini

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

paulamartini.bib@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2484-7962>

Jussara Borges

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

jussara.borges@ufrgs.br

<https://orcid.org/0000-0003-0157-8691>

Submetido em: 5 de março de 2026

Aceito em: 9 de julho de 2026

Publicado em: 26 de agosto de 2026

Licença:



Como citar este artigo:

HELLER, Bruna; MARTINI, Paula; BORGES, Jussara. Educação em informação: os bibliotecários como educadores. **REBECIN**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-23. 2026. DOI: <http://doi.org/10.24208/rebecin.v13.499>

RESUMO

Este artigo argumenta que o bibliotecário tem potencial para atuar como educador em informação em diferentes frentes de atuação, como oportunizar espaços dialógicos para a construção de conhecimento coletivo e fomentar a formação de sujeitos críticos e cidadãos. O objetivo do trabalho é discorrer acerca das formas de educação em informação, como a Competência em Informação e Infoeducação, para traçar um caminho para o bibliotecário cumprir o papel de educador. Os procedimentos metodológicos recorreram à natureza básica, abordagem qualitativa e à revisão e discussão da literatura científica. Os resultados demonstram que o bibliotecário tem potencial para atuar na educação em informação desde que se posicione nesta perspectiva e receba formação condizente. São apontados também exemplos pragmáticos de como educar em informação. Conclui-se que a atuação política, individual ou coletiva, presença em ambientes digitais - como *TikTok* -, espaço para debates e reflexões frente ao uso de *IAGen* e programas de educação midiática são efetivas ações que consolidam o bibliotecário como um educador no seu campo de atuação.

Palavras-Chave: Bibliotecário educador. Formação de bibliotecários. Educação em informação.

ABSTRACT

This article argues that the librarian has the potential to act as an information educator on different fronts, such as providing dialogic spaces for the construction of collective knowledge and fostering the formation of critical subjects and citizens. The objective of the work is to discuss the relationship between information education and the librarian, discussing how he can fulfill the role of educator. The methodological procedures used the review and discussion of scientific literature, the approach is qualitative and the nature is basic. The results demonstrate that librarians have the potential to engage in information education, provided they adopt this perspective and receive appropriate training. Pragmatic examples of how to conduct information education are also highlighted. It is concluded that political engagement (whether individual or collective), a presence in digital environments - such as *TikTok* -, creating space for debate and reflection regarding the use of *Generative AI*, and media literacy programs

are effective actions that establish the librarian as an educator within their field.

Keywords: Educator librarian. Training of librarians; Information education.

1 INTRODUÇÃO

No mundo digital de hoje, onde a informação está disponível em abundância e em diversas formas, a capacidade de navegar, compreender e utilizá-la eficazmente tornou-se uma habilidade essencial. A educação em informação (Borges; Brandão; Barros, 2022) visa promover uma consciência para além da destreza operacional. A partir do relacionamento saudável com a informação, os sujeitos desenvolvem competências e saberes para enfrentar os desafios vigentes.

Existem algumas formas de se educar em informação, entre elas promover a Competência em Informação e a Infoeducação. Neste estudo, abordam-se tangencialmente estes dois conceitos traçando um caminho para o bibliotecário exercer o seu papel de educador na atualidade.

A educação em informação não inaugura a atuação do bibliotecário no viés formativo. Tradicionalmente, esses profissionais já são apontados na educação de usuários, por exemplo. A educação de usuários, contudo, visa a melhor utilização dos recursos da biblioteca, o que reduz o sujeito informacional a mero usuário. Entretanto, a educação em informação ultrapassa a educação de usuários, evoluindo para formar sujeitos capazes de lidar com recursos informacionais transformando-os e ressignificando o conteúdo para gerar e comunicar o conhecimento com propriedade, atuando politicamente no contexto onde vivem.

Para tal, o sentido de educação alinha-se com a pedagogia crítica freireana, na qual mais do que aprender a fazer uma coisa ou deter conteúdos, o bibliotecário oportuniza a reflexão que leva à ação sobre o mundo. Assim, o desenvolvimento de competências e saberes informacionais conta com a aprendizagem entre educadores e educandos (Freire, 2002). Além disso, o espaço de aprendizagem extrapola os ambientes convencionais, quer seja nas bibliotecas ou em meio à comunidade, bibliotecários e demais cidadãos podem oportunizar espaços de debates na busca por construção de conhecimento de forma coletiva e dialógica (Perrotti, 2016).

Diante de um contexto informacional dinâmico, torna-se indispensável lidar com a informação de forma crítica em todo o processo: busca, seleção, avaliação, organização, síntese e utilização da informação (Borges; Brandão; Barros, 2022) de modo produtivo para si e para a comunidade. Assim, refletir sobre o próprio contexto sócio-histórico, desenvolver consciência política, cidadã e coletiva, comportamento ético, compreender (mais do que apenas perceber) a utilidade da informação, são aspectos relevantes para a atuação de bibliotecários educadores.

Os bibliotecários podem promover as competências e saberes informacionais por meio de uma variedade de estratégias: ensinar ao público a avaliar criticamente as fontes de informação, distinguir entre informações confiáveis e não confiáveis e utilizar eficazmente as ferramentas de pesquisa, por exemplo. Além disso, os bibliotecários podem incentivar a criatividade e a inovação, estimulando os sujeitos a comunicar suas ideias de forma clara e criativa. Importante mencionar também a atuação bibliotecária em prol da cultura, oportunidade na qual

a biblioteca se torna fonte de informação direta e dispositivo cultural (Perrotti; Pieruccini, 2007).

A expectativa com a promoção e o desenvolvimento de competências e saberes seria um caminho para a autonomia e o protagonismo. A sua abordagem está diretamente relacionada à aprendizagem contínua ao longo da vida, sendo fundamental que se busque novas formas de se aprender a aprender. Neste artigo, o objetivo é discorrer acerca da relação entre a educação em informação e o bibliotecário, discutindo como ele pode cumprir o papel de educador e apontando formas de se promover a transformação por meio desta estratégia. A argumentação deriva dos estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa das proponentes do artigo.

Esta pesquisa parte de um procedimento bibliográfico, a fim de compreender os fenômenos estudados, e posteriormente é feita a revisão na literatura existente sobre o assunto. Configura-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza básica, que quanto aos objetivos é exploratória e descritiva.

2 O BIBLIOTECÁRIO E A EDUCAÇÃO EM INFORMAÇÃO

Nas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 1º (Brasil, 1996), a educação “[...] abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. Ou seja, movimentos não necessariamente formais de educação, mas que corroboram a

experiência de vida e as vivências empíricas, entrelaçando-se com as relações sociais.

A educação, portanto, não se resume à escola: engloba um escopo sociopolítico que vise à cidadania, ao pensamento coletivo e comunitário, um processo que também é cultural e ocorre ao longo da vida toda. Embora a escola seja essencial na formação de qualquer indivíduo e seja direito garantido pelo Estado (Organização das Nações Unidas, 1948), frente às diversas demandas contemporâneas, sozinha não dá conta de atender todo o novo que constitui uma sociedade hiperconectada. Assim, bibliotecários e demais profissionais da informação estão diante de um contexto que demanda uma atuação formativa que a escola sozinha não consegue atender.

A mera presença de novos recursos tecnológicos não leva à evolução da sociedade, pois é insuficiente; portanto, se complementa pela compreensão e interpretação deles, bem como de seu conteúdo. A presença desses meios de comunicação nas diferentes esferas sociais impede que, de maneira exclusiva, a escola possa resolver a questão da alfabetização. É assim que, a situação resulta na expansão de ação formativa para o resto dos agentes que assumem esta tarefa, para a qual não foram preparados. Trata-se de desenvolver indivíduos alfabetizados que formam sociedades onde se primam pela participação, pela inter-relação e pela compreensão tanto tecnológica quanto individual [e coletiva] (Caldeiro-Pedreira; Aguaded-Gómez, 2015, p. 39-40, tradução nossa).

Perrotti (2016, p. 7) também questiona: “Como informar, como atribuir sentido aos signos aportados em tais condições? O que significa nesse quadro informar, informar-se, informação? Esta é insumo? É experiência significativa e essencial?”, frente a tantas questões socioculturais. A solução para essas condições apresentadas pelo autor

é a de intervir, a partir de “[...] processos de mediação e da apropriação de *saberes informacionais* [...]” (Perrotti, 2016, p. 7), a fim de compreender o contexto dos indivíduos que lidam com a informação, para qual fim a informação se destina e como usá-la para gerar mudanças. Nesse sentido, o bibliotecário torna-se chave para o processo educativo, quando intervém na busca e na apropriação da informação.

Assim, o papel educador do bibliotecário pode e deve adentrar na sua prática profissional, uma vez que é a partir desse papel que o profissional poderá interagir com os sujeitos de modo a compreender o seu universo, a sua bagagem sociocultural e oportunizar estratégias para que a apropriação da informação se efetive através da construção de sentidos e significados para aquele sujeito.

A educação em informação, portanto, é uma forma de sensibilizar os indivíduos perante à informação, para que desperte nestes a ideia de que pela informação é possível exercer a cidadania. Isto interfere diretamente na questão da democracia: uma sociedade empoderada com informação pode agir de maneira a lutar por seus direitos, entender quais são seus deveres etc. Logo, a informação se faz importante nos processos formativos do ser humano e a educação se faz essencial no processo de apropriação da informação.

Perrotti e Pieruccini (2007) nomeiam de infoeducação o conceito que volta-se à apropriação das informações para a construção de sentidos e significados para o sujeito com base em sua história sociocultural a partir dos signos. O resultado dessa apropriação seria o protagonismo cultural e a autonomia do sujeito frente a uma sociedade caracterizada pela efemeridade da informação (Pieruccini, 2004), o que dialoga diretamente com a pedagogia da autonomia.

Freire (2002), defensor desse protagonismo, conceituou o ensino bancário, que condiz ao ensino por meio da mera transmissão de conteúdos do professor para o aluno. Nele, o processo educativo se baseia na transferência conteudista sem reflexão sobre o tema estudado, não oportunizando aos alunos o poder da argumentação, muito menos da leitura crítica a ponto de este posicionar-se. O aluno assume o papel de receptor passivo, ou seja, de um banco que recebe depósito (daí o “bancário”). Dessa forma, o processo não se encarrega de construir novos significados, uma vez que não abre espaço para a apropriação, apenas visa à assimilação.

É importante considerar que a informação carrega intencionalidade e bagagem histórico-cultural, que se agregam por meio dos significados e sentidos que os sujeitos atribuem a ela. As relações sociais e humanas são as que criam a informação, antes disso seria apenas transferência de dados. Logo, se trata de um processo dinâmico, uma vez que os sujeitos são constituídos de sua experiência sociocultural o tempo todo. Assim, a educação em informação é um processo integrativo e que demanda a atuação consciente de profissionais e cidadãos na apropriação da informação.

A apropriação se dá pelo processo da construção de sentidos e significados a partir das vivências, das experiências, da história de vida. Cada parte contribui para a edificação de um sentido próprio sobre determinado assunto. Para a vida em sociedade, tudo o que existe só cabe se houver sentido.

[...] a apropriação é condição fundamental ao desenvolvimento do ser social. É por meio do processo de apropriação que o sujeito se torna apto a exprimir sua natureza humana, pois são criadas novas aptidões e funções psíquicas que são produtos do

desenvolvimento sócio-histórico do homem. Esses produtos têm forma material e objetiva e são resultados de processos de subjetivação de gerações passadas que despertam ou criam a sensibilidade subjetiva humana. Dessa forma, a subjetividade humana é desenvolvida por objetos e por fenômenos que foram produzidos, materializados, como resultado do processo de subjetivação de outras gerações. (Batista, 2018, p. 215).

O autor apresenta diferentes terminologias para a palavra “apropriação”, elevando-a como parte importante da vida em sociedade tal como afirmam Marx e Hegel, pois é a partir da subjetividade do sujeito que ele terá produtos para uma vida em sociedade. Assim, dar significado à informação faz parte do processo de subjetividade dos indivíduos. O conhecimento é criado em decorrência dessa significância e a partir do sentido que o indivíduo atribui. Perrotti (2016) especifica em um de seus estudos que informar (*in+formar*) significa **colocar forma**. Um conjunto de dados requer construção de sentido, que se dá no processo de apropriação.

Informação é, portanto, objeto resultante desse processo de atribuição de signos a fenômenos concretos ou abstratos, objetivos ou subjetivos, imaginados ou “reais”; é “tradução”, “interpretação”, “produção” de fenômenos compartilhados ou passíveis de serem compartilháveis socialmente por meio de signos (Perrotti, 2016, p. 10).

A fim de exemplificar o que Perrotti (2016) aponta na citação anterior, traz-se à tona um exemplo sobre leitura de um livro: o leitor, que sabe ler, conseguirá realizar a leitura operacional do texto. Contudo, somente a partir da apropriação da informação, ou seja, do momento em que o indivíduo for capaz de compreender e criar seu próprio significado do texto, é que se abre o caminho para o protagonismo social. Isso só é possível a partir da carga sociocultural que o indivíduo carrega e com a

qual pode mergulhar no universo da política e gerar o seu sentido, que é único porque alia sua vivência às novas ideias da leitura.

A educação em informação é diferente da Competência em Informação que observa a utilidade da informação e de seus recursos de modo instrumental. Educar em informação consiste na ação mediadora com vistas à apropriação da informação, ou seja, uma ação transformadora e, portanto, um potencial caminho de atuação para os bibliotecários, seja qual for o contexto.

Embora relacionados, os conceitos de educação em informação, competência em informação, mediação da informação e infoeducação não são equivalentes e ocupam posições distintas no campo da Ciência da Informação. Segundo Almeida Júnior (2015), a mediação da informação consiste em uma ação de interferência intencional realizada pelo profissional da informação com o propósito de atender às necessidades informacionais dos sujeitos, tendo como finalidade favorecer e possibilitar a apropriação da informação. Gomes (2019, p. 16) contribui ao descrever a apropriação da informação como “[...] sustentáculo do processo de conscientização, de domínio do conhecimento e de exercício da crítica, elementos essenciais à constituição do sujeito protagonista”.

Nesse contexto, a educação em informação configura-se como uma perspectiva crítica formativa que orienta essas ações mediadoras para além do desenvolvimento de habilidades técnicas, visando à constituição de sujeitos críticos, capazes de considerar o seu contexto e utilizar a informação de maneira consciente e transformadora.

A infoeducação, por sua vez, representa uma corrente teórica específica, desenvolvida especialmente por Perrotti e Pierruccini (2007),

que fundamenta essa concepção ao enfatizar a apropriação crítica frente à informação atrelada à produção de sentidos.

Por sua vez, a competência em informação concentra-se predominantemente no desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes para identificar necessidades informacionais, localizar, avaliar e utilizar a informação de forma eficaz (Campello, 2003).

O processo educativo perante a informação se reverte em sabedoria para lidar com ela de maneira saudável, crítica e multidimensional, de modo a refletir-se na emancipação dos sujeitos, para fazer resistência à desinformação, contribuindo para a formação sociocultural e auxiliando na concretização da democratização do acesso à informação, missão esta das bibliotecas e dos bibliotecários. Portanto, a educação em informação carrega a possibilidade de acompanhar essas transformações que impactam a vida dos sujeitos de maneira inédita.

O bibliotecário, ao assumir uma postura de educador em informação, necessita reconhecer a sua responsabilidade enquanto sujeito informacional e interventor. E para defender esse papel que se mostra relevante e fundamental é indispensável discutir aspectos importantes para a sua formação, bem como desafios que decorrem da relação dos sujeitos com a informação para então traçar as possíveis formas de atuação como educador.

3 FORMAÇÃO E DESAFIOS DO BIBLIOTECÁRIO EDUCADOR

Muitas indagações a respeito de quem pode educar surgem à medida em que a questão é levantada. Seria uma afronta aos educadores por formação (como professores, pedagogos etc.) dizer que o bibliotecário

é também um educador? Ao buscar na literatura científica, é perceptível que o bibliotecário com cunho pedagógico é associado ao bibliotecário escolar (Corrêa; Souza, 2004; IFLA, 2002). Explicar essa associação é fácil: o ambiente escolar, como um todo, tem por si só o cunho pedagógico e educador e “A biblioteca escolar é parte integral do processo educativo” (IFLA, 2002, p. 2).

Na Biblioteconomia, embora as formações no Brasil tenham sido mais técnicas, tiveram a influência da Escola de Chicago¹ que, aproximando-se de uma perspectiva de apropriação e autonomia, inclui uma dimensão mais social da informação, sem mencionar o cunho pedagógico e literário com enfoque na promoção da cultura (Vieira; Karpinski, 2018). A formação do bibliotecário se inova com a perspectiva social, contudo, ainda hoje o estudante de Biblioteconomia é despertado para a área pedagógica quando se relaciona com alguma experiência de biblioteca escolar, seja em um estágio ou em uma disciplina do curso.

Campello (2003) sinaliza que é fundamental fornecer esse espectro para que os estudantes sejam sensibilizados pelo cunho educativo e se sintam parte desse processo em todas as instâncias de sua atuação, e não somente na biblioteca escolar. Dessa forma, torna-se um grande desafio para o bibliotecário: saber, saber ser e saber agir enquanto educador. Em outras palavras, é necessário oportunizar formação didática e pedagógica aos profissionais da Biblioteconomia para que possam atuar na educação em informação.

Apoiado em estudos cognitivos, a formação educacional do bibliotecário começa a receber maior importância e passa a se refletir em

¹ Segundo Vieira e Karpinski (2018, p. 129) “[...] a Escola de Chicago foi um movimento, que surgiu entre 1920 e 1930 e que buscou instaurar a Biblioteconomia no campo da ciência, por meio da utilização de abordagens filosóficas e sociológicas”.

disciplinas de educação de usuários, serviços de referência etc. (Mata; Casarin, 2012). Contudo, em geral, ainda trata-se de uma educação que consiste em desenvolver habilidades para utilizar a biblioteca e operar seus sistemas para sanar necessidades informacionais. Borges, Massoni e Martini (2023, p. 6) demonstram que “Disciplinas como Serviço de Referência e Psicologia – dirigidas a lidar com gente – ainda são minoria nos currículos de Biblioteconomia se comparadas às disciplinas técnicas”.

Dessa forma, poderiam ser incluídos na formação dos bibliotecários, conhecimentos com cunho mais pedagógico e didático que forneçam estratégias de ação para estes profissionais educarem em informação considerando competências e saberes informacionais.

Entretanto, as disposições das disciplinas, sejam elas obrigatórias ou eletivas, aderem os conhecimentos no seu tempo. Ou seja, no período histórico e geográfico em que ocorrem. Logo, todos os conhecimentos, atribuições ou direcionamentos contemplam características dos contextos próprios e desafios que, por sua vez, movem as reformas curriculares, as necessidades informacionais e a Biblioteconomia. É possível dizer que, ao passo que surgem novas demandas sociais, se exigem transformações profissionais (Borges; Massoni; Martini, 2023, p. 10).

Nesse sentido, a formação dos bibliotecários educadores necessita estar alinhada às demandas sociais contemporâneas para que se possa fazer resistência à desinformação, à infodemia, entre outros desafios informacionais. Ou seja, pode se dizer que o momento é de sensibilizar os profissionais para corresponder aos desafios informacionais em voga, estimulá-los a serem protagonistas de suas escolhas para atuar com responsabilidade e consciência, sobretudo para educar e se permitir ser educado durante o processo formativo.

A educação em informação coloca os sujeitos em um estado reflexivo constante, “[...] a capacidade de questionamento e reflexão é fundante na formação do cidadão” (Borges, 2022, p. 53). Essa abordagem encaminha os sujeitos para uma convivência saudável com a informação e com seus semelhantes, transformando as relações sociais e, por consequência, a relação dos sujeitos com o mundo. “É na interação entre os sujeitos que todos os envolvidos contribuem para uma relação de construção de sentidos e apropriação da informação, para que possam juntos transformar seu contexto” (Martini; Borges, 2023, p. 8).

Noutros aspectos não se pode esquecer que a educação em informação, além de sua base freireana, enaltece fundamentos que o bibliotecário já compreende em sua formação, como a mediação da informação. Segundo Gomes (2021), a mediação da informação constitui fundamento para a educação em informação, principalmente porque

A educação em informação é embasada por todas as dimensões da mediação, pois relacionar-se com a informação pressupõe espaço de diálogo, depende de linguagens e signos, dispositivos para que todos os envolvidos na mediação se compreendam como partícipes de um processo de ensino aprendizagem. Tornando-se autônomos e independentes, estes sujeitos podem adquirir e produzir informações conforme as suas necessidades. Tudo isso sem relegar a ética, pois ela evidencia os limites entre os agentes, garantindo o respeito às suas diferenças e limitações. E por fim, perpassa a dimensão política que entrelaça as dimensões da mediação da informação, porque envolve sujeitos protagonistas cientes de suas responsabilidades sociais e políticas em diferentes momentos do processo. Afinal, entende-se educação em informação também como um ato político (Martini; Borges, 2023, p. 12).

De fato, não se trata de um desafio fácil, afinal a visão desse profissional como educador é uma virada de chave até para ele próprio. Em pesquisa realizada com bibliotecários universitários, Heller (2021, p.

159) aponta “[...] que o bibliotecário é um dos profissionais responsáveis pelo processo de apropriação da informação [...]. O primeiro passo para tal é o bibliotecário se perceber como educador [...]”. Logo, se perceber nesse lugar é uma caminhada a ser percorrida.

4 MAS COMO EDUCAR EM INFORMAÇÃO?

Existem algumas frentes viáveis para a atuação bibliotecária enquanto educadora. Sob o ponto de vista deste estudo, todas elas devem se voltar para a autonomia e para o protagonismo sociopolítico, sobretudo que incentive uma relação saudável, crítica e ética com a informação.

Na esfera política, o bibliotecário pode atuar na defesa dos direitos e interesses dos cidadãos em relação à informação. Um exemplo disso é a participação na discussão sobre o Projeto de Lei nº 2630, que visa, entre outros, responsabilizar as *big techs* por desinformação, golpes cibernéticos, violência etc.

Outro exemplo de atuação política é aproximar sociedade e biblioteca através de ações *advocacy* que defende “[...] a importância do acesso livre e equitativo à informação em uma sociedade democrática [...] [na qual] bibliotecas e bibliotecários são vitais para o futuro de uma nação letrada e informada” (American Library Association, 2012, p. 6). Tal ação influencia diretamente as decisões que moldam o futuro das bibliotecas e, conseqüentemente, o acesso à informação e à cultura para todos os cidadãos.

Atuações como *advocacy* estão diretamente atreladas às metas globais da Agenda 2030 da Organização Mundial das Nações Unidas

(ONU), visando o atendimento de 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) e que colocam a “[...] disseminação da informação e das tecnologias de comunicação e interconectividade global [...]” como chave para o progresso humano (Organização das Nações Unidas, 2015, p. 6). Diversas iniciativas pelo mundo são planejadas em prol do acesso à informação e às bibliotecas para alavancar a cidadania, contribuir com os ODS e promover uma atuação significativa em sociedade, por parte do bibliotecário, que possa contribuir “[...] para eliminar o hiato digital [...]” (Organização das Nações Unidas, 2015, p. 6).

Outra possibilidade é a presença em ambientes digitais onde a informação circula. Assim, perfis de bibliotecas no *TikTok*, rede social chinesa, ultrapassando a lógica da divulgação institucional, constituem uma estratégia de mediação nos espaços em que os sujeitos contemporâneos constroem suas práticas informacionais. Em um estudo, Cruz e Passos (2025, p. 2) apontam o uso da rede social voltada “[...] para a formação de diversas subcomunidades com propósitos diferentes, dentre essas divisões estão o ‘*BookTok*’ (comunidade literária) e ‘*LibraryTikTok*’ (comunidade bibliotecária)”. Se grande parte da população, especialmente os jovens, passa a descobrir livros, moldar opiniões e buscar recomendações por meio de plataformas algorítmicas, é nesses ambientes que também se torna necessário promover competências críticas relacionadas à informação.

O uso intensificado da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) para fins de informação também amplia as possibilidades de práticas que se voltam para educação em informação. Um exemplo é a experiência desenvolvida no programa Mauá Experience, por Martins e Moreira (2025), em que estudantes do ensino médio participaram de uma

formação baseada em metodologias ativas, para compreender os fundamentos da inteligência artificial e desenvolver aplicações reais a partir do seu uso. A proposta incorporou discussões sobre aspectos éticos, tomada de decisão e impactos sociais da IA, aproximando os estudantes de uma compreensão crítica sobre o funcionamento dessas tecnologias e seus efeitos no que se refere à informação (Martins; Moreira, 2025).

Em mesma linha, Cavalcante *et al.* (2023) desenvolveram um projeto que introduziu conceitos de inteligência artificial a estudantes do ensino médio por meio da plataforma Code.org, na disciplina de Cultura Digital. A proposta combinou atividades práticas relacionadas à IA pensando em soluções para problemas reais, fazendo com que os estudantes compreendessem como tais ferramentas são treinados e como suas decisões dependem do uso consciente de tais informações. Ainda, a experiência promoveu discussões sobre o tema, despertando o interesse dos estudantes e favorecendo a compreensão crítica dessas tecnologias digitais.

Outras ações de educação em informação têm por objetivo fazer resistência à desinformação a partir da inserção de programas de combate à desinformação, como é o caso do Educamídia do Instituto Palavra Aberta. Um campo de atuação para que o bibliotecário possa educar em informação, colaborando com outros profissionais, como jornalistas, professores e demais educadores. O Educamídia² visa capacitar professores e engajar a sociedade no processo de educação midiática dos jovens (Instituto Palavra Aberta, 2024). Logo o bibliotecário,

² Saiba mais em: <https://educamidia.org.br/>

pode inserir-se nesses espaços contribuindo com estratégias críticas para lidar com a informação.

Evidenciou-se nesta seção exemplos e possibilidades de educação em informação de maneira exploratória. Não houve intenção de apresentar uma única fórmula ou respostas acabadas para uma atuação educadora. Contudo, estimula-se aqui a reflexão para ações que se voltem para a transformação de comunidades, sobretudo as bibliotecas, espaços tão potenciais para tais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuar como educador em informação é um desafio contemporâneo para o bibliotecário, diante do dinamismo da informação e da tecnologia em uma sociedade que vive ativamente no ambiente virtual. Reconhecer e apoiar o papel dos bibliotecários como educadores é crucial para garantir que os indivíduos estejam preparados para enfrentar os desafios do mundo digital de hoje.

Há de se salientar que a formação acadêmica do bibliotecário necessita de articulação com o ensino de Pedagogia visando a sua maior familiaridade ainda enquanto estudante, para que - no futuro - se veja parte de um processo educador na sociedade em que atua.

Como caminhos possíveis, acreditamos que a atuação política, individual ou coletiva, assim como a atuação a partir da representação em conselhos de classe, em prol da ciência e em iniciativas que enfrentem a desinformação, sejam efetivas ações que fazem do bibliotecário um potencial educador no seu campo de atuação.

Por fim, este estudo reforça que ações de educação em informação que provam a apropriação da informação pelos sujeitos são caminhos possíveis para buscar autonomia intelectual. Apropriar-se da informação significa atribuir sentido e significado a partir das próprias experiências e contextos individuais e coletivos, transformando-a em conhecimento capaz de orientar ações, posicionamentos e participação política. Nesse processo, o bibliotecário atua como mediador que cria condições para que os sujeitos estabeleçam relações críticas com a informação e construam essa autonomia. É justamente essa dimensão da apropriação que evidencia o potencial das bibliotecas como espaços de formação cidadã.

A educação em informação é caminho para a apropriação e o bibliotecário deve se ver como mediador desse processo, se posicionando diante das circunstâncias e demandas informacionais e sociais contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (orgs.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Manual das Pessoas que Advogam pela Biblioteca**. São Paulo: FEBAB, 2012. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6168>. Acesso em: 3 jul. 2024.

BATISTA, C. L. Os conceitos de apropriação: contribuições à Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 210-234, maio/ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1808-5245242.210-234>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/74317>. Acesso em: 15 jul. 2026.

BORGES, J. Por que promover competências infocomunicacionais? *In*: BORGES, J.; BRANDÃO, G.; BARROS, S. S. (orgs.). **Educação para a informação**: como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 37-51. DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.234. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/254358>. Acesso em: 15 jul. 2026.

BORGES, J.; BRANDÃO, G.; BARROS, S. S. (orgs.). **Educação para a informação**: como promover competências infocomunicacionais. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. DOI: 10.31560/pimentacultural/2022.234. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/254358>. Acesso em: 15 jul. 2026.

BORGES, J.; MASSONI, L. F.; MARTINI, P. O bibliotecário educador como parte da reinvenção da Biblioteconomia no Brasil. *In*: ENCUESTRO DE DOCENTES DE ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA Y CIENCIA DE LA INFORMACIÓN DEL MERCOSUR, 13., 2023, Montevideo. **Actas [...]** Montevideo: Universidad de la Republica, 2023. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/265437>. Acesso em: 21 jul. 2026.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-norma-atualizada-pl.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2026.

CALDEIRO-PEDREIRA, M.; AGUADED-GÓMEZ, I. Alfabetización comunicativa y competencia mediática en la sociedad hipercomunicada. **RIDU**: Revista Digital de Investigación en Docencia Universitaria, Lima, v. 9, n. 1, p. 37-56, 2015. DOI: <https://doi.org/10.19083/ridu.9.379>. Disponível em: <https://revistas.upc.edu.pe/index.php/docencia/article/view/379>. Acesso em: 15 jul. 2026.

CAMPELLO, B. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28–37, set./dez. 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-19652003000300004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/9nQgbdkq5nXsNBLfv5MBHNm/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2026.

CAVALCANTI, J. A. *et al.* Explorando a inteligência artificial no ensino médio: introdução à IA com alunos do 1º utilizando a plataforma Code.org. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação - REASE**, São Paulo, v. 9, n. 8, p. 2364-2385, 2023. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v9i8.11050>. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11050>. Acesso em: 15 jul. 2026.

CORRÊA, E. C. D.; SOUZA, M. R. Parceria entre bibliotecário e educador: uma importante estratégia para o futuro da biblioteca escolar. **Infociência**, São Luís, v. 4, n. 1, p. 68-87, 2004.

CRUZ, G. G.; PASSOS, K. G. F. Bibliotecas tiktokers: uma possibilidade para as bibliotecas engajarem usuários através do Tiktok. **BiblioCanto**, Natal, v. 10, n. 1, p. 168 - 191, 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura).

GOMES, H. F. Protagonismo social e mediação da informação. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, mar./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v5n2.p10-21>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 15 jul. 2026.

GOMES, H. F. Informação, estudos e fazeres: travessias assertivas da mediação e suas dimensões como fundamento da ciência da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 26, n. 4, p. 109-145, 2021. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n4p109>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/44557>. Acesso em: 15 jul. 2026.

HELLER, B. Competências infocomunicacionais: ações em bibliotecas universitárias do Rio Grande do Sul para combater a desinformação. 2021. 189 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231622>. Acesso em: 28 jun. 2026.

INSTITUTO PALAVRA ABERTA. **[Site oficial: Educamídia]**. 2024. Disponível em: <https://educamidia.org.br/>. Acesso em: 8 jul. 2024.

IFLA - INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATION. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo: IFLA; UNESCO, 2002. Disponível em: <https://www.ifla.org/wp-content/uploads/2019/05/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2026.

MARTINI, P.; BORGES, J. A educação em informação como uma ação mediadora do bibliotecário. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 23., 2023, Aracaju. **Anais [...]**. Aracaju: UFS, 2023. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/258251>. Acesso em: 3 jul. 2023.

MARTINS, A. C.; MOREIRA, A. H. Educação em inteligência artificial para estudantes do ensino médio: uma experiência prática com aplicações reais no Mauá Experience. *In: ROCHA, C.; CARVALHO, A.; SILVA, T. A.; ARANHA, R. (orgs.). SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EM MÍDIAS INTERATIVAS*, 12., 2025, São Caetano do Sul. **Anais [...]** São Caetano do Sul: Media Lab/BR; IMT, 2025. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.18509964>. Disponível em: <https://siimi.medialab.ufg.br/p/59249-anais-do-siimi-2025>. Acesso em: 21 jul. 2026.

MATA, M. L.; CASARIN, H. C. S. Inserção de conteúdo de competência informacional e de formação pedagógica nos currículos dos cursos de Biblioteconomia do Brasil: uma análise por meio dos sites institucionais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Plataforma Agenda 2030**. 2015. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/home/agenda/>. Acesso em: 5 mai. 2024.

PERROTTI, E. Infoeducação: um passo além científico-profissional. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 2, p. 04 – 31, jul./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.5433/2317-4390.2016v5n2p05>. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/28314/20500>. Acesso em: 27 dez. 2021.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G.; FUGINO, A.; NORONHA, D. P. (orgs.). **Informação e Contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 46-95. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/001826107.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2024.

PIERUCCINI, I. **A ordem informacional dialógica**: estudo sobre a busca de informação em Educação. 2004. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. DOI: 10.11606/T.27.2004.tde-14032005-144512.

VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. As contribuições da Escola de Chicago para a Ciência da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 128-138, 2018. Disponível em: <https://pbcib.com/pbcib/article/view/40189>. Acesso em: 15 jul. 2026.

Concepção e elaboração do estudo: Bruna Heller, Jussara Borges e Paula Martini

Coleta de dados: Bruna Heller, Jussara Borges e Paula Martini

Análise e interpretação de dados: Bruna Heller, Jussara Borges e Paula Martini

Redação: Bruna Heller, Jussara Borges e Paula Martini

Revisão crítica do manuscrito: Bruna Heller, Jussara Borges e Paula Martini